

## A EDUCAÇÃO BRASILEIRA DO FUTURO BASEADA NO QUE PRECISAMOS CONSTRUIR HOJE

Luiz Antônio Alcântara Madureira<sup>1</sup>

Cássia Rejane Balvedi Zancan<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo objetiva resgatar os pressupostos que permearam a Educação, procurando analisar o papel do professor e da escola, desde a escola tradicional, perpassando pelos paradigmas atuais e preparando-a para futuro. Procura refletir sobre a educação que precisamos construir hoje, frente aos desafios que o futuro exige. É preciso a reformulação nos programas escolares para procurar desenvolver mais aptidões e potencialidades dos alunos. O aluno deve ser ensinado a aprender, a como aprender, e porque aprender.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação. Transformação. Prática Pedagógica. Ideias Inovadoras.

## BRAZILIAN EDUCATION OF THE FUTURE BASED ON WHAT WE NEED TO BUILD TODAY

**ABSTRACT:** This article aims at recovering the presuppositions that permeated the Education, trying to analyze the role of the teacher and the school, from the traditional school, going through the current paradigms and preparing it for the future. It seeks to reflect on the education we need to build today, facing the challenges that the future demands. Reformulation in school curricula is needed to seek to develop more students' skills and potential. The student should be taught to learn, to learn, and to learn.

**KEY-WORDS:** Education. Transformation. Pedagogical Practice. Innovative ideas.

---

<sup>1</sup> Universidad de La Empresa – UDE. Mestrando em Educação pela Universidad de La Empresa, possui graduação em Odontologia pela Universidade Federal do Paraná(1988). Atualmente é Coordenador de Saúde Bucal da Prefeitura Municipal de Fazenda Rio Grande. Tem experiência na área de Saúde Coletiva Comunitária, com ênfase em Saúde Pública.

<sup>2</sup> Universidad de La Empresa – UDE. Possui graduação em Ciências, com Habilitação em Matemática, pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (1999). Atualmente é mestranda em Educação pela UDE (Universidad de La Empresa) e professora titular - Secretaria Estadual de Educação do Paraná. Tem experiência na área de Educação, Ciências e Matemática, com especialização em Dificuldades de Aprendizagem, Tecnologias Educacionais e Educação de Jovens e Adultos.

## INTRODUÇÃO

A sociedade vem passando por inúmeras transformações: informatização, desenvolvimento das telecomunicações, robotização, globalização, entre outros.

A educação, enquanto um subsistema da sociedade tem procurado dar conta da formação do homem contemporâneo, considerando-a como um problema de essencial dificuldade e como tema central para aqueles que se preocupam com a melhoria do mundo de hoje e a preparação do mundo de amanhã.

A partir do século XX, o impacto do desenvolvimento industrial e urbano a um enorme crescimento da classe média e do proletariado, as classes dirigentes foram obrigadas a aceitar o compromisso de democratização da informação e do saber. No decorrer do século, a concepção da escola do passado começa a ruir e, ao modelo de educação tradicional, irá contrapor-se um radicalmente novo, onde a educação contribua para desenvolvimento do aluno e, o processo ensino aprendizagem deve se desenvolver numa perspectiva de construção do conhecimento, de reflexão sobre a realidade, respeitando e considerando a sua própria história de vida e contribuindo para que o aluno entenda o seu papel na sociedade: o de cidadão.

Como levar os professores a entender o seu papel como mediador na construção do conhecimento e a refletir sobre a sua prática de ensino, nos tempos atuais, preparando para a educação do futuro? Por que, em tempos de mudanças, ainda falta o entendimento do professor e do aluno como sujeitos no processo ensino/aprendizagem, a relação teoria e prática que conduza a descoberta do novo, a produção do conhecimento e não unicamente a sua apreensão e reprodução?

Este trabalho de pesquisa buscou resgatar os pressupostos que permearam a Educação, procurando analisar o papel do professor e o da escola, desde a escola tradicional, perpassando pelos paradigmas atuais e preparando-a para futuro.

Busca-se refletir sobre a importância de uma educação que desenvolva no educando uma visão crítica de mundo, pela qual o indivíduo sente-se responsável pela transformação da realidade e torna-se capaz de fazê-lo, na medida em que se apropria do mundo físico e social.

Enfoca-se, resumidamente, a relação ensino/aprendizagem dentro dos paradigmas educacionais, onde o ensino tradicional dá lugar a uma nova visão no processo educativo, que procura explicar o comportamento humano na perspectiva

em que sujeito e objeto interagem em um processo que resulta na construção e reconstrução de estruturas cognitivas. Mostra que o processo educativo, entremeado de pressupostos históricos, éticos, epistemológicos, sociológicos, filosóficos e políticos determina a prática educativa que devem fazer parte da atuação pedagógica. Educação que se almeja deve proporcionar perspectivas que criem ideias inovadoras e permitam formar um cidadão crítico, reflexivo e participativo, apto a tomar decisões e contribuir para o desenvolvimento das ações humanas.

## **EDUCAÇÃO, ENSINO E APRENDIZAGEM**

No início do século XX, ficou evidente que as escolas não poderiam continuar convivendo com relações pedagógicas tão autoritárias como as até então existentes, herdadas de modelos pedagógicos absolutamente ultrapassados. O que elas pressupunham? Que o aluno não passava de um ser com todas as habilidades e competências de um adulto, portanto, responsável pelo seu processo de aprendizagem. Para essas velhas teorias o centro da aprendizagem era o professor, o todo poderoso, e os alunos, passivos e mudos, deveriam gravitar ao seu redor.

O bom professor era aquele que reprovava muitos alunos e a escola, bem como o professor, eram eximidos de qualquer responsabilidade pelo fracasso escolar. Certamente, consolidava-se no professor um sentimento quase divino de poder dispor, a seu bel prazer, do destino de seus alunos, que se tornavam joguetes nas mãos do acaso. O saber era propriedade de uma pequena elite que queria tornar o acesso ao mesmo o mais difícil e inóspito possível. O saber é poder! Ora, a melhor forma de atingir tal objetivo, isto é, afastar a massa do saber, era tornar a escola insuportável e inatingível, tratando o aluno da forma mais rígida possível, desestimulando-o da aventura do conhecimento reservada a uns poucos.

A partir do início do século XX, com o desenvolvimento industrial e urbano, as classes dirigentes foram forçadas a admitir o compromisso de democratização da informação e do saber. Nesse momento, a escola passa a ser fundamental para o ingresso ao saber sistematizado, através dos serviços públicos ofertados pelo Estado, buscando compensar as desigualdades sociais. (COLL, 2004).

No decorrer do século XX, ao modelo de relação pedagógica autoritário,

elitista e excludente até então existente, irá contrapor-se um radicalmente novo, onde o ser que aprende, o aluno, passará a ser o centro do processo de aprendizagem que deverá estimular o aluno à participação, atividade, pesquisa e comportamento crítico.

Para pensar uma educação para o futuro, faz-se necessário fazer, primeiramente, um breve resgate das escolas que nortearam a educação, até os dias atuais. Segundo Coll (2004, p. 59):

[...] a Escola Tradicional é uma proposta de educação centrada no professor cuja função define-se por vigiar os alunos, aconselhá-los, ensinar a matéria e corrigi-la. A metodologia decorrente de tal concepção tem como princípio a transmissão dos conhecimentos através da aula do professor, frequentemente expositiva, numa sequência predeterminada e fixa, enfatiza a repetição de exercícios com exigências de memorização.

Sendo assim, valoriza o conteúdo livresco e a quantidade. O professor fala, o aluno ouve e aprende. Não propicia ao sujeito que aprende um papel ativo na construção dessa aprendizagem, que é aceita como vinda de fora para dentro. A figura do professor como detentor do saber é uma força motriz nessas escolas. Becker (2001, p. 16), denomina este tipo de ensino como pedagogia diretiva, isto é,

[...] é considerada a pedagogia convencional, também conhecida como "pedagogia tradicional", "escola tradicional", "pedagogia da essência" ou "pedagogia conteudista". Consiste numa pedagogia centrada no professor, o professor ensina, e o aluno aprende. O professor jamais aprenderá com o aluno na pedagogia diretiva, pois o conhecimento aqui é visto como um produto que pertence ao professor, afirma Becker, para quem o modelo de que falamos é exemplo da educação como está hoje. Tomar o aluno por agente passivo, a quem o professor transmite o saber, é acreditá-lo a "tabula rasa" de que nos falou Piaget. Paulo Freire, que criticou ardorosamente tal modelo, cunhou a educação conteudista e passiva de pedagogia do oprimido, pois ao aluno raramente é dada a oportunidade de participação e expressão, uma vez que esse nada tem a acrescentar à classe.

Nessa visão, acredita-se que o conhecimento pode ser transmitido para o aluno e que o aluno apenas o apreende por meio do professor. Tem sua legalidade na percepção de que o sujeito é inteiramente deliberado pelo mundo, pelo objeto ou pelos meios físico e social, assim, para aprender somente é necessário escutar o professor. Becker explica da seguinte maneira:

Como se vê, essa pedagogia, legitimada pela epistemologia empirista, configura o próprio quadro da reprodução da ideologia; reprodução do autoritarismo, da coação, da heteronímia, da subserviência, do silêncio, da

morte da crítica, da criatividade, da curiosidade. [...] A certeza do futuro está na reprodução pura e simples do passado. A disciplina escolar – que tantas vítimas já produziram – é exercida com todo o rigor, sem nenhum sentimento de culpa, pois há uma epistemologia, uma pedagogia (da qual não falamos aqui) e uma pedagogia que a legitimam. (BECKER, 2001, p.18).

A função primordial da escola, nesse modelo, é transmitir conhecimentos disciplinares para a formação geral do aluno, formação esta que o levará, ao inserir-se futuramente na sociedade, a optar por uma profissão valorizada.

Segundo Breyner (2002), a Escola Tecniciста, nos anos 70, desenvolveu-se acentuadamente o que se chamou de "tecnicismo educacional", inspirado nas teorias behavioristas da aprendizagem e da abordagem sistêmica do ensino, que definiu uma prática pedagógica altamente controlada e dirigida pelo professor, com atividades mecânicas inseridas numa proposta educacional rígida e passível de ser totalmente programada em detalhes.

A escola se cobriu de uma grande autossuficiência, reconhecida por ela e por toda a comunidade abrangida, instituindo assim a falaciosa ideia de que aprender não é algo automática do ser humano, mas que está amarrada tão-somente de especialistas e de técnicas. O que tem valor nesse ponto de vista não é o professor, mas a tecnologia, o professor passa a figura de especialista no emprego de manuais e sua criatividade se restringe aos limites admissíveis e estreitos da técnica usada. (BREYNER, 2002).

O papel do aluno é abreviado a um indivíduo que reage aos incentivos de maneira a dar as respostas esperadas pela escola, para ter êxito e prosseguir. Seus interesses e seu processo particular não são considerados e a atenção que recebe é somente para corresponder ao programa que o professor deve praticar, voltado para a formação profissional e para a reprodução o sistema vigente.

Segundo Breyner (2002) a Escola Crítico-Social dos Conteúdos, no final dos anos 70 e início dos 80, iniciou com a abertura política decorrente do final do regime militar e coincidiu com a intensa mobilização dos educadores para buscar uma educação crítica a serviço das transformações sociais, econômicas e políticas, tendo em vista a superação das desigualdades existentes no interior da sociedade. Firmou-se no meio educacional a presença da "pedagogia crítico-social dos conteúdos", assumida por educadores de orientação marxista.

Nesse parecer, a tarefa da escola centra-se em debates temas sociais e

políticos e em ações sobre a realidade social imediata; analisam-se os problemas, seus fatores determinantes e organiza-se uma forma de atuação para que se possa transformar a realidade social e política. O professor passa a ser um organizador de atividades que organiza e age em conjunto com os alunos.

Segundo Schnitman (*apud* MOURA e SILVA, 2000, p 87) “a Escola Construtivista é uma teoria post-objetiva do conhecimento que defende que o observador participa de suas observações e que constrói e não descobre uma realidade, questionando assim os conceitos de verdade, objetividade e realidade”. No construtivismo a maneira de construir o saber é muito ampla, incluindo realmente as ideias de descobrir, inventar, redescobrir, criar; sendo que aquilo que se faz é tão importante quanto o como e o porquê fazer.

Segundo Piaget (1981, p. 62):

[...] parece possível, do ponto de vista teórico, assumir a hipótese de que o paradigma sócio historicamente construído, e que está sendo sócio culturalmente apropriado pelo sujeito, dá uma significação determinada ao objeto que o sujeito constrói. Esta significação dada ao objeto do conhecimento está intrinsecamente relacionada a uma ação do sujeito sobre o objeto para a assimilação e construção de conhecimentos. Em outros termos, o caráter filogenético da interação, ao constituir uma significação aos objetos, determinaria ações próprias do sujeito que ontogeneticamente lhe permite a assimilação e a acomodação, no processo de construção quer do aparato cognitivo, quer do conhecimento.

Esta conjectura além conciliar com a premissa sócio interacionista para a formação social da mente, aceita uma autonomia do sujeito durante o processo de internalização.

A partir da metade do século XX, surgem novas teorias nas áreas da psicologia educacional. Piaget e Vygotsky, pais da psicologia cognitiva contemporânea, propõem que conhecimento é construído em ambientes naturais de interação social, estruturados culturalmente. Cada aluno constrói seu próprio aprendizado num processo de dentro para fora baseado em experiências de fundo psicológico.

O novo padrão de educação, nos dias atuais, caracteriza a existência de muitas outras formas de conhecimento, tantas quantas as ações sociais responsáveis pela sua origem e sustentabilidade. É de essencial rever métodos que comportem instituir as relações e as influências recíprocas entre as partes e o todo. O contexto, o pensamento sistêmico tem como base a apreensão de que o todo só

pode ser percebido com embasamento em suas partes, em suas coesões e em suas relações, constitui o novo modelo da educação. (CUNHA, 2001).

É necessário analisar as realizações que, passo a passo vão ocorrendo no processo ensino-aprendizagem, além das características dos alunos, principalmente, em relação ao amadurecimento e prontidão para certo tipo de aprendizagens anteriores e como elas se realizaram.

Segundo NOVAES (1980, p. 119): “a aprendizagem é o processo que implica na modificação adaptativa do comportamento do indivíduo e envolve experiência de vida além de conhecimentos”.

Muitos estudiosos de educação, ao se dedicarem ao estudo da ciência da aprendizagem, estabelecem várias classes de comportamento no processo da aprendizagem que precisam de condições específicas. Educar um indivíduo pressupõe transformá-lo, ajudá-lo a desenvolver suas potencialidades, tentando descobrir outras. Nesse sentido é preciso que haja uma reformulação nos programas escolares para procurar desenvolver mais aptidões e potencialidades dos alunos e não lhes oferecer apenas uma educação mecânica. O aluno deve ser ensinado a aprender, a como aprender, e será auxiliado por vários instrumentos. Sendo assim, a fim de que haja uma eficiência da aprendizagem é necessário que haja uma consonância entre vários elementos que influenciam nesse processo.

Bruner (*apud* LOUSADA, 1998), não limita a descoberta apenas ao encontro de coisas novas, mas, preferencialmente inclui nesta estratégia todas as formas de procura de conhecimentos pelo próprio aluno. Assim, todo o processo de ensino-aprendizagem deve decorrer com base na descoberta/criatividade e onde o professor é o mediador.

A Educação pressupõe modificar os esquemas cognitivos dos participantes envolvidos no processo educacional, construindo novos conhecimentos. Pensar em educação nos dias de hoje é pensar numa educação voltada para aprendizagens significativas ao mundo globalizado. É proporcionar perspectivas que criem ideias inovadoras e permitam formar um cidadão crítico, reflexivo e participativo, apto a tomar decisões e contribuir para o desenvolvimento das ações humanas. Assim, a educação promove a transformação dos conhecimentos teóricos e práticos, fundamentando uma perspectiva determinada à construção de um espaço inovador.

Pode-se acrescentar ainda que, a educação é um processo participativo,

onde o educando assume o papel de elemento central do processo de ensino/aprendizagem pretendido, participando ativamente no diagnóstico dos problemas e busca de soluções, sendo preparado como agente transformador, através do desenvolvimento de habilidades e formação de atitudes, através de uma conduta ética, condizentes ao exercício da cidadania.

As práticas dos educadores constituem possibilidades de aprendizagem e conhecimento desde que não desagreguem ação e reflexão. Por isso, é premente a necessidade e a importância de avaliar, discutir, repensar e socializar os objetivos buscados, os modos de agir, as dificuldades enfrentadas e os resultados encontrados. Os sucessos e os impactos dessas ações somente serão conseguidos e mais bem visualizados a partir do momento em que constituírem focos direcionados do olhar.

Várias escolas, ao passar dos tempos, direcionaram a educação. Por meio delas pode-se perceber que adaptações sucessivas são formadas e fundamentadas, pleiteando propagar métodos que orientem a relação professor-aluno no processo de aprendizagem. Nesta perspectiva, esta relação educativa homem-sociedade é facilmente previsível. Sendo assim, a mola mestra que regulamenta a engrenagem do conhecimento, passa a funcionar como uma reação em cadeia nos vários ambientes de aprendizagem.

Fazer uma reflexão crítica sobre a função e o papel que a escola ocupa na sociedade contemporânea é, antes, refletir sobre as formas de agir do professor no contexto das práticas pedagógicas. A formação docente precisa incluir, cada vez mais, a crítica epistemológica em suas ações profissionais, para refletir sua função na escola contemporânea e a sua ação enquanto agente social ativo. (BECKER, 2001).

O conhecimento é a “matéria prima” do trabalho pedagógico escolar. Dada sua condição de ser produto histórico-cultural, isto é, de ser produzido e elaborado pelos homens por meio da interação que travam entre si no intuito de encontrar respostas aos mais diversificados desafios que se interpõem entre eles e a produção da sua existência material e imaterial, o conhecimento articula-se aos mais variados interesses. Na medida em que a produção, elaboração e disseminação do conhecimento não são neutras, planejar a ação educativa, assim como educar propriamente dito, é uma ação política que envolve posicionamentos e escolhas



articulados aos modos de compreender e agir no mundo. (BECKER, 2001).

Em Schön (1998) pode-se verificar que este entende que os bons profissionais devem ter estratégias com criatividade para resolver problemas no dia-a-dia e que valorize a interação interpessoal entre professor e o aluno.

Uma educação humanista estabelecida por meio de formação integral ofertada pela pelas escolas como forma de enriquecer o conhecimento, considerando tudo aquilo que o sujeito traz em sua bagagem de vivência familiar se propicia através de um espaço educativo que contribui para uma ação recíproca de troca entre o empírico e o científico, e leva em conta a racionalização e a subjetivação do sujeito. Este viés de discussão abre uma possibilidade de análise da práxis, partindo dos reflexos do mundo moderno que reforçam a racionalização e o consumismo individualista, que colocam em cheque a subjetivação do sujeito que tange todos os objetivos de uma formação integral desenvolvidos. No entanto, a possibilidade da quebra de paradigmas promovida por esta nova forma de educação torna-se desafiadora. Visto que,

[...] a modernidade se define antes de tudo pela passagem de uma concepção centralizada da vida social para uma concepção bipolar, portanto para gestão das relações ao mesmo tempo de complementariedade e de oposição entre a subjetivação e a racionalização. (TOURAINÉ, 1994, p. 233).

Neste intuito, a atuação pedagógica deve se estruturar, contendo meio e finalidades. As finalidades dizem respeito à formação integral, através de um projeto profissional e “desenvolvimento do meio” socioeconômico, humano, político. A metodologia deve ser voltada a instrumentos que possibilitem uma troca de conhecimentos entre indivíduo e espaço educativo.

A articulação entre os pilares da pedagogia, consolidados a partir de um plano de formação desenvolvido em uma ação coletiva, buscam realizar um desenvolvimento integral de todos os envolvidos no processo educacional. Nesse sentido, Gimonet (1999), assim se manifesta: “A prática das aulas, e a formação, encontram um direcionamento, adquirem sentido. (...). Porém esta pedagogia nova não é evidente e precisa ser definida, iniciada e fundada”. (GIMONET 1999, p.25).

No entanto, o processo de estruturação coloca a pedagogia em um contexto desafiador e de responsabilidades autônoma, definindo-se e consolidando ações que precisam ser observadas para uma análise mais minuciosa e de caráter

científico, aproximar o debate teórico e nas questões práticas, onde os gargalos e limites evidenciados se tornem um meio de crescimento e auto-organização.

Assim, é necessário que uma educação voltada para a modernidade, para as transformações da sociedade do conhecimento, onde a informação e a comunicação caminham a passos largos, deixe de ser restrita a fragmentada. É preciso a efetivação de uma formação interdisciplinar diferenciada, de outras metodologias que integram o sujeito, desenvolvem um contexto de ativar as práticas e hábitos que foram desfeitos, onde o diálogo está em contínuo confrontado com o mundo atual e propõe uma quebra de paradigmas mergulhada na teoria da Complexidade. (TOURAINÉ, 1994, p. 243).

Assim, para transformar a educação deve-se preconizar um ambiente com condições de um debate em relação ao sentido e razão existencial, da liberdade e construção do sujeito crítico e dispor de ferramentas metodológicas através do trabalho para que este método se evidencie. No entanto, fazer as mudanças nas estruturas de formação para uma nova identidade escolar supõe grandes desafios.

A inter-relação entre estes meios e fins tornam o ambiente propício a uma complexidade de componentes, pois essa nova estrutura pedagógica deve ter, fundamentalmente, o propósito de desenvolver sujeitos íntegros e capazes de transformar sua realidade. Observa-se que nesta estrutura educativa andam lado a lado a racionalização e a subjetivação, evidenciadas em uma tentativa de formação interdisciplinar, ancoradas pelo espaço, tempo formação e trabalho.

A educação voltada a influencias do progresso contribuiu para formação de um homem sujeito com aprendizagens dos pensamentos racionais, sendo capaz de resistir influencias do hábito e desejo, no entanto, submeteu-se simplesmente se direcionar somente ao governo da razão, como ressalta. (TOURAINÉ, 1994).

Este cenário de desordem da razão nos leva a propor uma reversão de valores e influencias de um mercado globalizado onde a ordem racional do sujeito necessita ser revista. No entanto, essa necessidade do resgate de valores éticos, sociais, humanos e econômicos pode ser desenvolvida por práticas pedagógicas pertinentes para um desencadeamento de oportunidades.

Esta práxis propõe do um ligamento entre a formação integral do sujeito e desenvolvimento do seu meio de vivência, esta formação fornece caminhos e oportunidades de um resgate da autocrítica, através da mediação entre a

racionalização e a subjetivação, ou seja, do instrumental, da técnica e ciência e do sujeito humano crítico e liberto.

## **EDUCAÇÃO QUE SE IDEALIZA**

Pelo exposto pode-se constatar que, regulada na constituição da sociedade capitalista e servindo, em sua grande maioria, aos interesses de uma grande rede social, a educação constitui-se em espaço de solidificação e legitimação de valores e posturas do padrão social hegemônico.

O que se tem é que hoje a educação, de maneira geral, está orientada pelo pressuposto que os alunos devem ser tratados como indivíduos que precisam de uma preparação para as responsabilidades que a vida lhe reserva.

Quando se pensa na atual situação da educação, se idealiza possibilidades de construir uma sociedade com acesso às informações e ampliação do mundo dos conhecimentos, numa sociedade globalizada. Pensa-se numa educação voltada para a cooperação, a justiça social, a solidariedade. Amplia-se a vontade de formar indivíduos que compreendam suas potencialidades subjetivas e objetivas no mundo em que vive e que assumam seu papel como sujeitos históricos e políticos de sua formação e de seu tempo e sociedade.

Entre os objetivos da educação contemporânea, deve estar o de construir uma nova sociedade e cultura, a estrutura de uma educação emancipatória deverá pautar-se na construção ética, na preparação de novas formas de equidade, na formação da autonomia. Freire (1999, p. 24) afirma que:

O que importa para a educação é a formação de cidadãos críticos, ativos, sujeitos históricos que intervenham no processo de formação da sociedade. Esse processo comporta o domínio das formas que permitam chegar à cultura sistematizada. E por esse motivo (...) já estaria justificada a importância da reflexão.

O desenvolvimento das ciências e o avanço da tecnologia, no século XXI, constata que o sujeito pesquisador interfere no objetivo pesquisado, que não há neutralidade no conhecimento, que a consciência da realidade se constrói num processo de interpretação dos diferentes campos do saber.

Conforme Morin (1982, p. 219):

Este ser do mundo e no mundo tem a capacidade de interferir e modificar o seu próprio mundo (...). A disjunção sujeito-objeto é um dos aspectos

essenciais de um paradigma mais geral de disjunção-redução, pelo qual o pensamento científico ou disjunta realidades inseparáveis sem poder encarar a sua relação, ou identifica-as por redução da realidade mais complexa à realidade menos complexa.

A atividade educativa deve, sim, visar à humanização do educando para a compreensão da cultura da sociedade, por meio da autorreflexão e auto compreensão de seu papel social. Para maior consciência da realidade, para que os fenômenos difíceis sejam observados, vistos, entendidos e descritos torna-se cada vez mais importante um trabalho voltado para as várias situações de aprendizagem.

Neste sentido, deve-se desenvolver um trabalho num contexto, que parte do saber e da vivência dos alunos para ampliar competências que venham a expandir este saber inicial. Um saber que situe os alunos num campo mais amplo de conhecimentos, de modo que possam efetivamente se integrar na sociedade, atuando, interagindo sobre ela.

Portanto, o momento educacional atual deve pautar-se por uma definição ampla de currículo, incluindo conteúdo, objetivos, assim como métodos e critérios de avaliação, não se limitando a instrução somente e abrangendo as relações e aprendizagens sociais.

É necessário um planejamento que possibilite a eleição de um eixo integrador, que pode ser um objeto de conhecimento, um projeto de intervenção e, principalmente o desenvolvimento de um entendimento da realidade sob a ótica da globalidade e da complexidade, uma perspectiva histórica da realidade. Um dos princípios, decorrente das compreensões da complexidade, que deve nortear a construção de um currículo escolar é a autonomia. Segundo Neder (2004, p. 28):

Buscar a autonomia do aluno é contribuir para a construção de um sujeito voltado para as relações intersubjetivas, um sujeito capaz de se perceber como um ser relacional que influencia a construção da sociedade em que vive, ao mesmo tempo em que é influenciado por ela.

Neste sentido, pode-se dizer que a educação deve estar voltada para a formulação de hipóteses, a busca de caminhos, a tomada de decisões, tanto no plano individual quanto no plano coletivo. Deve ajudar o aluno a aprender a aprender, aprender a pensar, a conviver e amar. Ele deve ser estimulado a buscar, a ser ativo no processo de construção do conhecimento.

Segundo Melo (2004, p. 2) “os desafios da educação atual são vários, entre eles: novas exigências da cidadania moderna; o advento da informática e dos meios

de comunicação de massa (domínio da mídia), necessidade de revalorizar a ética nas relações sociais”.

Por isso, para organizar o processo educativo fazendo frente às novas exigências, é necessário prevenir falhas e garantir cada etapa com qualidade, raciocínio analítico, habilidade e rapidez para processar informações e tomar decisões. Devem-se levar em conta as habilidades cognitivas como: compreensão, pensamento analítico e abstrato, raciocínio flexível para entender novas situações e resolver problemas. Também, liderança, iniciativa, capacidade de tomar decisões, autonomia no trabalho, habilidade de comunicação, são grandes e novos desafios que a educação atual precisa resolver.

A educação, nessa tendência, tem por finalidade a adaptação do indivíduo à sociedade. É preciso, pela educação, amar a sociedade, restabelecer a ordem e integrar os indivíduos no todo social anteriormente definido, ou seja, a educação deve servir para reforçar os laços sociais, promover a coesão social e garantir a integração de todos os indivíduos no corpo social (SAVIANI, 1987).

A tendência transformadora é crítica. Propõe-se descortinar a sociedade e utilizar-se das próprias contradições dessa para trabalhar, a partir da realidade concreta, pela sua transformação. Assim, quando bem direcionada, poderá estar a serviço de um projeto de libertação das maiorias dentro da sociedade.

A aplicabilidade dessa tendência na sociedade capitalista, não é tarefa simples, segundo Saviani que indica a necessidade de se cuidar daquilo que é específico da escola, para que essa venha a cumprir um papel de mediação num projeto democratizador da sociedade. Assim, afirma:

Do ponto de vista prático trata-se de retomar vigorosamente a luta contra a seletividade, a discriminação e o rebaixamento do ensino das camadas populares. Lutar contra a marginalidade, através da escola, significa engajar-se no esforço para garantir aos trabalhadores um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais. O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta, de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes. (SAVIANI, 1987, p.36).

Se o projeto educacional exige ressignificar o processo de ensino aprendizagem, é preciso preocupar-se em preservar o desejo de conhecer e de saber com que conhecimento as crianças chegam à escola, manter a boa qualidade do vínculo com esse conhecimento e não destruí-lo com o fracasso reiterado.

Segundo Moraes (1997, p. 190), precisamos colocar o conhecimento a disposição do maior número possível de pessoas, possibilitando a criação de potencialidades comunicacionais; criando também uma atmosfera de investigação, colaboração e reflexão crítica, permitindo uma aprendizagem contínua, permanente e autônoma. Segundo Belloni:

Por aprendizagem autônoma entende-se um processo de ensino e aprendizagem centrado no aprendente, cujas experiências são aproveitadas como recurso, e no qual o professor deve assumir-se como recurso do aprendente, considerando como um ser autônomo, gestor de seu processo de aprendizagem, capaz de autodirigir e autorregular este processo. O ato de aprender não é uma mera acumulação de conhecimentos, mas uma interação de saberes vividos em sala de aula, onde professores e alunos articulam-se pela busca do conhecimento e pelo exercício da democracia. Este exercício democrático, também de interação intelectual-social, modifica nosso modo de pensar alterando nossa base cognitiva e emocional. (BELLONI, 1999 *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 39).

É necessário prestar atenção que, nos dias de hoje, as informações são transmitidas rapidamente e até mesmo suplantadas por novas informações. Neste sentido, diz Magnoli (2001, p.10) que "o papel da educação não está propriamente em oferecer aos alunos "pacotes informativos", pois estes tendem a ter um prazo de validade cada vez mais exíguo".

O que importa, então, numa sala de aula, é a maneira com o professor induz aos alunos no sentido de reflexões. Hoje, a flutuação, a versatilidade são palavras que imperam, e boa educação é a que oferecer aos alunos oportunidades para o desenvolvimento de sua curiosidade e a ter uma autodisciplina.

Embora o ensino seja parte integrante do processo educativo, o desafio que hoje se coloca ultrapassa a esfera da simples aquisição de conhecimento para dar sentido e aplicabilidade ao que é aprendido. É assim que crianças podem tornar-se cidadãos conscientes, críticos e responsáveis. A intervenção educativa deve, contudo, incorporar princípios flexíveis capazes de contemplar as particularidades pessoais e culturais, escolares e sociais, tendo como alvo os processos de desenvolvimento, personalização, socialização, humanização e libertação.

## CONCLUSÃO

Pelos estudos realizados pode-se constatar que estamos vivendo um momento de mudanças na área da educação. O desafio dos novos docentes é fazer

com os estudantes ganhem autonomia para usar os recursos modernos. Muitos especialistas em educação acreditam que o interesse pela escola se restabelecerá quando os professores deixarem de apenas transmitir conteúdos e orientarem os alunos para que descubram o conhecimento por si próprio. Em vez da abordagem de disciplinas de forma isolada, os assuntos terão o enfoque interdisciplinar, como ocorre hoje com os temas que transcendem uma única matéria.

Exige do docente uma boa dose de flexibilidade e abertura, pois para acompanhar estas mudanças precisa dia a dia reambientar-se num mundo de novos procedimentos, novos recursos que é preciso ir dominando passo a passo numa atitude predisposta para uma transformação positiva.

A ação, enquanto educador está relacionada com os objetivos pedagógicos e educacionais. Caso se queira uma educação que contribua para o desenvolvimento do indivíduo, deve-se atuar no processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva da construção do conhecimento, refletindo sobre a realidade vivida pelo aluno, respeitando e considerando a sua história de vida e contribuindo para que o aluno entenda o seu papel na sociedade: o de cidadão. Na escola, não basta transmitir informações, é preciso educar.

Tendo em vista o inegável impacto exercido pela escola sobre o aluno, o rumo dessa intervenção ao longo da vida escolar segue um movimento dialético procura inserir o homem na escola, favorecer a sua integração e aproveitar para, finalmente, devolvê-lo à sociedade.

Deve-se, pois, levar os alunos a terem uma visão mais ampla das tendências do mundo que terão de enfrentar, como participantes na nova realidade que se delineia.

Uma educação voltada para a democracia precisa de uma ação pedagógica que respeite as características do aluno, por meio de um desenvolvimento permanente e multidisciplinar do intelectual, do social e do criativo.

## REFERÊNCIAS

BECKER, U. A **Reinvenção da política**: política, tradição e estética na ordem social, Anthony Giddens, Scott Lasch. Tradução Magda Lopes- SP: Editora Universidade Estadual Paulista. 1997.

BREYNER, J. Tendências da educação para o século XXI. **Jornal "a Página"**, ano 11, nº 117, novembro 2002.

COLL, C. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

CUNHA, Maria Isabel da. **O Bom Professor e sua Prática**. Campinas: Papirus, 2001.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GIMONET, J. **Pedagogia da Alternância. Alternância e desenvolvimento. Nascimento de um Movimento Educativo: As Casas Familiares Rurais de educação e de Orientação**. União Nacional da Escolas Família Agrícola. 2 edição Primeiro Seminário Internacional Anais... Salvador. 1999.

OLIVEIRA, A. F. M. de . **Modelos pedagógicos e epistemológicos: A escola contemporânea sob o olhar dos professores e dos alunos**. Centro Universitário Ritter dos Reis – Uniritter. Faculdade de Letras. Trabalho Acadêmico Interdisciplinar apresentado ao Curso de Pedagogia – Pesquisa II: Cidadania e Diversidade Cultural – como requisito das atividades curriculares do Curso de Letras, sob orientação da professora Silvana de Boer Waskow. Porto Alegre, 2010

LOUSADA, A. J. **Desenvolvimento e Aprendizagem: Algumas teorias e suas implicações no processo ensino-aprendizagem**. Artigo. São Paulo 1998. Disponível em: <http://www.batina.comlousada/desenv01.htm>, acessado em 28/02/2015.

MAGNOLI, D. Geógrafo defende renovação continuada de professor. **Revista Educação**. Edição nº 241. Maio 2001.

MELO, G. N. Profissão docente **Revista Ibero-Americana de Educação** Nº 25. Janeiro – Abril 2004.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2000.

MORIN, E. **Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro** 3. ed. - São Paulo - Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MOURA e SILVA, Zilá A. **A aprendizagem de Pavlov a Piaget: algumas reflexões**. Unesp, Bauru. 2000.

NEDER, M. L. C. **Metodologias para elaboração de materiais didáticos**. Curitiba: IBPEX, 2004.

NOVAES, M. H. **Psicologia escolar**. 6. ed. Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 1980.

NÓVOA, A. **Profissão professor**. Coleção ciências da educação. 2. ed. Porto/Portugal: Editora Porto, 1995.

NUNES, Á. **Filosofia e Educação: uma escola para o século XXI**. 2002.

PIAGET, J. **A linguagem e o pensamento da criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1981.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez Editora, 1987.

SCHÖN, D A. Formar professores como profissionais reflexivos. IN: NÓVOA Antônio (Coord.) **Os professores e sua formação**. Lisboa: Don Quixote, 1992.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica da Modernidade**. Tradução, Elia Ferreira Edel. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.